

**Cenário de volatilidade da bolsa impulsiona opção por fundos com capital protegido**

*O investimento de longo prazo é para a maioria dos profissionais atuantes no mercado financeiro brasileiro sinônimo de investimento em bolsa de valores. Por isso, o movimento de desvalorização das principais ações negociadas na BM&FBOVESPA neste ano não deveria preocupar e especialmente espantar o investidor de renda variável. Na prática e, principalmente em um país onde a educação financeira é muito recente, isso não acontece à maioria desses investidores, especialmente os de menor porte, pelo menos, sem muitos traumas. Para esses, os gestores nacionais têm lançado mão nos últimos anos, e em 2011 não tem sido diferente, de um produto muito utilizado em outros países: os fundos com operações que conseguem travar a perda de parte ou de todo patrimônio investido durante um período*

O planejador financeiro da Tchê Brasil Consultoria Patrimonial, Márcio Renner, lembra que o lançamento de fundos com capital protegido foi uma solução encontrada pelos agentes do mercado brasileiro para trazer de volta o investidor após a crise de 2008. "Muita gente perdeu dinheiro nesse momento, inclusive, os bancos e as corretoras. Por isso, vender produtos como estes – tradicionais já em outros países – foi uma forma atrativa de dizer aos investidores que voltassem de novo para a renda variável que eles não perderiam mais dinheiro", conta o planejador.

E este também parece ser um momento em que os fundos de capital protegido são uma opção, considera Renner. "Acho que estes fundos não são o melhor produto se considerarmos que os investidores perdem oportunidade de ganhar mais, mas todo custo tem um benefício", reflete o planejador. Ele se refere ao fato destes produtos, por garantirem uma perda mínima ou a garantia de todo ou quase todo valor investido, também não acompanham da mesma forma o ganho que outra opção de renda variável poderia ter, em caso de um movimento de alta.

Para evitar a perda do montante investido no fundo há mecanismos variados, alguns mais simples, outros verdadeiramente complexos. Os primeiros lançam mão de operações de renda fixa. Nesses casos, boa parte do patrimônio do fundo está alocada em títulos públicos e opções pré-fixadas. Outros têm operações que conseguem compensar possíveis perdas utilizando fundos de índices (ETFs) ou índices futuros. Um dos exemplos de composição complexa recentemente lançado no Brasil é um produto do ItaúUnibanco. Atrilado ao ETF do Índice Financeiro da BM&FBovespa, também recente, o fundo garante 100% de participação da variação positiva ou remuneração máxima de 11% no período com, no mínimo, 95% do capital investido garantido, exclusivamente diante da desvalorização deste fundo de índice.

Nos casos mais complexos, Renner ressalta que não dá para o cliente entrar hoje e sair no mês que vem. É indicado o tempo mínimo entre 12 meses e 18 meses sem retirar o dinheiro. Essa complexidade de alguns fundos é um dos fatores que justificam a não aprovação de produtos como esse pelo gestor da Fundamenta Administração de Recursos, Valter Bianchi Filho. "São produtos complexos, e isso dificulta ainda mais o conhecimento das pessoas sobre investimento em bolsa. Eles mascaram a velha e boa disciplina de longo prazo", acredita o gestor. Para Bianchi Filho, o investimento de capital protegido oferece uma relação retorno risco desfavorável, porque eles não entregam retorno mais alto o suficiente que faça uma pessoa ter benefício de tirar seu dinheiro de uma renda fixa, por exemplo.

O cálculo que o gestor da Fundamenta faz é o seguinte: um produto clássico atrelado à renda fixa pode remunerar a Selic de 12,25%. Se a opção for investir em renda variável, é razoável que o investidor busque um retorno maior. Para que a probabilidade de que isso aconteça seja maior, ele deve deixar o capital investido um tempo necessário para maturar esse investimento. Diante disso, Bianchi Filho avalia que o capital garantido é algo no meio do caminho, porque se a bolsa de valores subir, o investidor não vai poder levar todo o ganho, porque em um fundo de capital protegido, assim como a perda é controlada, o ganho também.

O planejador financeiro da Tchê Brasil Consultoria Patrimonial, Márcio Renner, faz algumas simulações de investimento em capital protegido baseando-se em produtos que trabalha. Eles variam conforme o montante investido regularmente pelo investidor e o prazo. No entanto, há fundos de renda variável e multimercado com composição mais simples que as apontadas por Renner.

**Caso 1:** o cliente parte de aportes regulares de US\$500 mensais que seguem o Índice S&P500. O prazo é de 15 anos para retirada e há garantia de 140% do capital investido com uma taxa de 1,7% ao ano e bônus de lealdade de 7,5% no 10º ano, além de mais 7,5% no 15º ano. Há também um spread sobre o índice de 2%. Essa diferença de preço entre compra e venda é ruim para o investidor, conforme avalia Renner. No caso específico do Índice S&P500, se ele valorizar 10% no ano, a carteira irá valorizar 10% menos 2%. Ou seja, 9,80%. Portanto, o investidor não terá 100% da variação do índice. No entanto, Renner lembra que 2% é muito pouco comparado as taxas (de administração) cobradas no Brasil e que, nem sempre, são explícitas no momento do início do investimento.

**Caso 2:** investidores que podem aplicar de uma vez só pelo menos US\$10 mil. Trabalho com uma modalidade de contribuição única com garantia de 100% sobre o S&P500 com taxa de 1,5% ao ano e spread sobre o índice de 1,5%.

**Caso 3:** Para os clientes que querem investir num prazo mais curto, existe aplicações de três a cinco anos em renda fixa (a taxa libor+1,5%) com custo de administração de US\$ 50 ao ano e mínimo de US\$10 mil para a primeira aplicação.

**Caso 4:** Para os clientes com capital maior de US\$ 80 mil, existem formatos diferenciados com gestão mais ativa e que são aplicados entre 30% a 70% em renda variável através de fundos com 105% de garantia no final de cinco anos e a cada ano a mais é acrescido 4% na garantia no máximo até 150%.

**\*Editado e Publicado em 05/07/2011**

Elaborado e editado pela jornalista Grazieli Inticher Binkowski  
redacao@acionista.com.br

**Advertência:** As informações econômico financeiras apresentadas no Acionista.com.br são extraídas de fontes de domínio público, consideradas confiáveis. Entretanto, estas informações estão sujeitas a imprecisões e erros pelos quais não nos responsabilizamos.

As opiniões de analistas, assim como os dados e informações de empresas aqui publicadas são de responsabilidade única de seus autores e suas fontes.

O objetivo deste portal é suprir o mercado e seus clientes de dados e informações bem como conteúdos sobre mercado financeiro, acionário e de empresas. As decisões sobre investimentos são pessoais, não podendo ser imputado ao acionista.com.br nenhuma responsabilização por prejuízos que eventualmente investidores ou internautas, venham a sofrer.

O acionista.com.br procura identificar e divulgar endereços na Internet voltados ao mercado de informação, visando manter informado seus usuários mais exigentes com uma seleção criteriosa de endereços eletrônicos. Essa divulgação é de forma única, e os domínios divulgados são direcionados a todos os internautas por serem de domínio público. Contudo, enfatizamos que não oferecemos nenhuma garantia a sua integralidade e exatidão, não gerando portanto qualquer feito legal.